



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14232 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

## O SILÊNCIO DAS CRIANÇAS NAS RODAS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Barbhara Elyzabeth Souza Nascimento - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Ana Carolina Perrusi Alves Brandão - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

Agência e/ou Instituição Financiadora: FACEPE

## O SILÊNCIO DAS CRIANÇAS NAS RODAS DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO INFANTIL

### Resumo:

No presente estudo exploramos a ideia do “silêncio como resposta” das crianças em situações dialógicas vivenciadas em rodas de história na Educação Infantil. Os dados analisados foram extraídos de uma pesquisa de natureza qualitativa-colaborativa (IBIAPINA, 2008), com professoras e seus grupos de crianças entre 4 e 6 anos. A participação das meninas e meninos nas rodas evidenciou a sua familiaridade com a prática de ouvir e conversar a partir de histórias lidas, assumindo o papel de ouvintes-ativos. O diálogo aberto no grupo, conduzido pelas docentes, acolheu os “silêncios”, em seus múltiplos sentidos, fortalecendo o pensamento crítico e criativo das crianças.

**Palavras-chave:** Roda de história; Mediação docente; Educação Infantil

### INTRODUÇÃO

Estudos que analisam rodas de história na Educação Infantil têm enfatizado o desafio das professoras em mediar a conversa com as crianças com vistas a formação de leitores éticos, ou seja, que atribuem sentido existencial ao que escutam ao participarem desses eventos de letramento. (e.g., RYCKEBUSCH, 2011; NASCIMENTO, 2012; 2021; BRANDÃO et al., 2021).

Tal discurso em torno da formação leitora de crianças pequenas dialoga com a concepção de educação para a formação ética (KOHAN, 2008; SÁTIRO, 2012) e reivindica uma atenção à educação para o pensar na perspectiva de uma pedagogia da escuta que reconhece o protagonismo das crianças (PANIÁGUA; PALÁCIOS, 2007; BAJOUR, 2012).

Assim, ressaltamos as rodas de leitura e conversa a partir de livros de literatura infantil enquanto uma situação potencialmente favorável à formação de leitores “conscientes do ato de ler”, isto é, que se esforçam tanto cognitivamente quanto afetivamente para construir sentidos sobre os textos que escutam e para além deles.

Partindo do princípio de que a experiência dialógica nas rodas de história protege o pensamento da criança de uma visão unilateral e que ler ou ouvir uma história com prazer não se contrapõe a uma ação pedagógica intencional, nos perguntamos: o que dizem as crianças quando encorajadas a expressar seu pensamento crítico/criativo sobre os livros nas rodas de história? Que interações dialógicas são mais frequentes nesse contexto? O que o silêncio das crianças, foco deste artigo, nos ensina sobre a relevância de uma escuta verdadeira durante a conversa sobre o texto?

Vivemos numa cultura de respostas, em que todos os espaços vazios precisam ser preenchidos. Porém, se analisarmos detidamente, não temos as respostas para todas as coisas (BAJOUR, 2012; SONTAG, 2015; DUTHIE, et al., 2018). E se não temos respostas para tudo, como queremos, então, que as crianças também tenham?

Nesse sentido, concordamos com a ideia de Paniágua e Palácios (2007) ao ressaltarem que:

Ceder o protagonismo comunicativo às crianças requer uma grande capacidade de escuta no adulto, capacidade que se revela de forma espontânea em alguns profissionais, enquanto em outros exige um esforço de exercitação. A escuta supõe que, durante toda a jornada, se dê tempo para que as crianças se expressem e que se tolerem os pequenos silêncios, sem que a linguagem adulta invada tudo. Um bom indicador de que o protagonismo reside nas crianças é que são elas que, na maioria das vezes, iniciam a comunicação, que chamam, que perguntam ou que lançam ou fazem comentários. (PANIÁGUA; PALÁCIOS, 2007, p. 142).

Consideramos ainda que o silêncio pode representar, de certa maneira, uma atitude revolucionária, capaz de preencher o aparente vazio das informações, com mistérios a serem desvendados pelos interlocutores no diálogo. Assim, no presente estudo buscamos refletir sobre “o silêncio como resposta” das crianças em situações dialógicas nas rodas de história, mediadas por professoras dos grupos 4 e 5 da Educação Infantil.

## **METODOLOGIA**

De natureza qualitativa-colaborativa (IBIAPINA, 2008), a pesquisa teve a participação de três professoras de crianças entre 4 e 6 anos da Rede Municipal de Educação do Recife. Foram observadas em 23 sessões de rodas de leitura conduzidas por essas professoras, totalizando aproximadamente nove horas e meia de videogravações.

As docentes foram convidadas a conduzirem, no mínimo, seis sessões de rodas de leitura e conversa sobre livros de literatura infantil. Os livros foram selecionados por elas com base no propósito “de instigar o pensamento crítico e criativo das crianças”, tópico discutido em um curso de formação continuada ministrado pelas pesquisadoras e do qual elas haviam participado antes do início da pesquisa.

As professoras tinham experiência mínima de seis anos na Educação Infantil e formação em Pedagogia (duas professoras) e Letras (uma professora). As docentes apresentavam

interesse sobre o tema da mediação de leitura de livros de literatura e tinham a roda de história como uma atividade permanente no seu cotidiano com as crianças. Por fim, pode-se dizer que as professoras tinham um “estilo educativo” caracterizado pela disponibilidade física e afetiva na comunicação com os pequenos (PANIÁGUA; PALÁCIOS, 2007).

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Partindo do princípio de que acolher o silêncio como resposta manifesta um cuidado com o pensamento crítico (SÁTIRO, 2012), nos propomos a analisar alguns extratos de diálogos em que os silêncios se fazem presentes.

Fragmento 01 - Conversa sobre o livro “A questão de Deus” (BRENIFIER, 2018)

Profª Celeste: Naiara, você quer falar?  
 Naiara confirma balançando a cabeça  
 Profª Celeste: Fale!  
**Naiara fica pensativa em silêncio**  
 Cr [Danilo]: Ela já disse tudo que ela quer!  
**Cr [Naiara]: Deixa eu pensar!!! [olhando para Danilo]**  
 Profª Celeste: É o momento de pensar, deixa ela pensar.  
**Naiara permanece em silêncio**  
 Profª Celeste: Vamos respeitar!  
**Naiara continua em silêncio.**  
 O grupo fica um pouco impaciente com a situação de espera.  
 Após alguns segundos:  
 Profª Celeste: Vou passar pra ele, depois tu lembrás, aí a gente volta pra ti.

Observamos nesse fragmento o respeito da professora aos tempos de escuta, reflexão e fala das crianças. Assim, ela apoia Nayara (“É o momento de pensar, deixa ela pensar!”) e tenta estender essa postura para os demais participantes da roda. A instauração desse tipo de escuta, possivelmente, faz com que Naiara sinta confiança em expressar que o colega poderia aguardar mais um pouco o seu tempo de reflexão (“Deixa eu pensar!”). Vê-se, portanto, a necessidade de desvincular o silêncio ao “não saber”, tal como sugere Bajour, (2012). Vejamos outro fragmento, dessa vez com a profa. Aurora:

Fragmento 02 – Conversa sobre o livro “Mundo cruel” (DUTHIE, MARTAGÓN, 2017)

Cena: Criança chorando no banho <sup>[i]</sup>

Profª Aurora: Isaac, o que você acha? É o pai ou não é o pai? Tá cuidando ou tá sendo cruel?  
 Isaac fica em silêncio alguns segundos  
 Cr [Ellen]: Tá!  
 Profª Aurora: Por que, Ellen?  
**Isaac sinaliza que vai falar**  
 Profª Aurora: Agora é Ellen, que você não falou.  
**[Isaac fica em silêncio e olha atentamente para a professora]**  
 Profª Aurora: Agora é Ellen!  
**Cr [Isaac]: Eu tava pensando, só! [demonstrando estar chateado]**  
 Cr [Ellen]: Ele não tava deixando o menino sair e ele tá com o olho assim [imita a expressão do homem que aparece na imagem].

Nesse fragmento o tempo concedido para Isaac expressar a sua opinião não parece ter sido suficiente. Assim, ele expressa que não falou porque estava organizando suas ideias (“Eu tava

pensando”) e não porque não sabia ou não queria. Diante do dinamismo que é conversar numa roda com tantas crianças desejosas em falar, é comum conceder pouco tempo de reflexão e escuta para as crianças reestruturarem suas ideias e elaborarem uma resposta. Assim, a sinalização de Isaac é muito importante para que a professora possa tentar fazer uma condução diferente, tal como vemos no próximo fragmento em uma outra roda.

Fragmento 03 – Conversa sobre o livro “Mundo cruel” – Cena: Adulto de castigo [\[ii\]](#)

Profª Aurora: Certo. Então, oh, eu entendi dessa vez que se a gente fizer algo errado, pode ter um castigo. Tu concordas, Marília?  
 Cr [Marília]: Às vezes  
 Profª Aurora: Às vezes? Por que às vezes? Por que, Marília?  
 [Marília fica em silêncio]  
 Profª Aurora: Quando seriam os momentos em que as pessoas merecem ser castigadas?  
 [Marília fica em silêncio]  
 Profª Aurora: Em quais momentos as pessoas deveriam ser castigadas?  
 [Marília permanece em silêncio]  
 Profª Aurora: Sabe não?  
 [Marília continua em silêncio]  
 Profª Aurora: Ester Marina, tu achas que a gente deve ficar de castigo quando faz uma coisa errada?  
 Cr [Ester Marina]: Sim  
 Profª Aurora: Pronto, Isaac! [sinalizando que ele poderia falar]  
**[Isaac fica em silêncio]**  
**Profª Aurora: Esqueceu?!**  
**Cr [Isaac]: Não!!!**  
**Profª Aurora: Então, fale.**  
**[Isaac fica pensativo]**  
**Profª Aurora: Ah, você tá avaliando a imagem?**  
**[Isaac continua em silêncio]**

No fragmento seguinte vemos que as crianças começam a interpretar o silêncio dos colegas e a assumir explicitamente o silêncio como tempo para pensar, concluindo que se nada é dito é porque o colega ainda não pensou, tal como expressa Lucas no fragmento seguinte.

Fragmento 04 – Conversa sobre o livro “A questão de Deus”

Profª Celeste: Fala mulher, a gente também quer ouvir.  
 [Camila continua em silêncio]  
 Profª Celeste: O que é que tu achas que Deus faz?  
 [Camila continua em silêncio]  
 Profª Celeste: Hein, Marjorie?! O que tu achas que Deus faz? Quais são as coisas que tu achas que ele faz?  
 [Marjorie fica em silêncio]  
**Cr [Lucas]: Também não pensou.**  
 Profª Celeste: Alguém mais quer falar sobre as coisas que Deus faz?  
 [Algumas crianças levantam a mão].  
 (...)  
 Profª Celeste: Mais alguém quer falar alguma coisa sobre assunto de Deus, Natanael?!  
 Cr [Natanael] É/ (tenta dizer algo, mas, fica muito tímido)  
 [A professora o encoraja com o olhar]  
 Cr [João]: Vai!  
 [Natanael fica em silêncio]  
**Cr [Naiara]: Ele quer pensar.**

Finalmente, o silêncio das crianças nas rodas também apareceu com a função de “encerrar uma conversa” ou talvez para “deixar em aberto determinado assunto”. Nesses casos, é

possível interpretar que a criança ainda não chegou a uma resposta naquele momento ou não tem mais interesse na discussão. Uma outra possibilidade é sinalizar a existência de uma discordância em relação a uma posição assumida pela professora (normalmente de forma implícita) sobre o tema debatido na roda. Ao que parece, é isso que ocorre no fragmento abaixo.

Fragmento 05 – Conversa sobre o livro “A questão de Deus”

Prof<sup>a</sup> Celeste: Muito bom. Camila, você acha que Deus existe?  
 Cr [João]: Ela tá com vergonha  
 [Camila timidamente nega, movimentando a cabeça]  
**Prof<sup>a</sup> Celeste: Não? E por que você acha que Deus não existe? Explica pra gente entender!**  
**[Camila fica em silêncio]**  
 Prof<sup>a</sup> Celeste: Por que tu achas que ele não existe?  
 [Camila continua em silêncio]  
 Prof<sup>a</sup> Celeste: O que é que tu pensa? O que é que tu estás pensando aí, dessa coisa toda que ele não existe?  
 Camila em silêncio [3 min]  
 Prof<sup>a</sup> Celeste]: Pode falar.  
 Cr [João]: Ela tá com vergonha  
 Cr [Estefani]: É!  
 Cr [Danilo]: Fala alguma coisa!  
 Prof<sup>a</sup> Celeste: Pode falar, Camila, a gente quer ouvir o que é que você acha. As crianças acham de um jeito você acha de outro, ela acha de outro. Cada um pode achar de um jeito!  
 Camila fica em silêncio [2 min]  
 Prof<sup>a</sup> Celeste: Você acha que Deus existe de outro jeito?  
 [outras crianças tentam falar e Camila continua em silêncio]

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando observamos o silêncio numa roda de história é preciso estarmos atentos ao que isso representa tanto para a professora quanto para as crianças. Talvez, numa primeira impressão, o silêncio possa indicar que as crianças estão dispersas, não sabem a resposta para a pergunta formulada ou não têm o que dizer na roda. Na perspectiva da criança que silencia, porém, ele pode representar uma resposta plausível, uma saída, diante de uma pergunta que não lhe parece suficientemente clara. O silêncio também pode ser uma fuga para não discordar da professora e colegas abertamente ou, simplesmente, pode sinalizar a necessidade de um tempo para refletir, ponderar e pensar melhor sobre que pretende dizer.

Os dados analisados aqui indicam que as crianças silenciavam nas rodas por dois motivos principais: quando desejavam ganhar tempo de reflexão ou quando desejavam se opor à ideia exposta por um dos participantes da roda, sobretudo, por sua professora. Assim, o silêncio parece fazer parte da roda de conversa e não está, necessariamente, associado a um “não saber”.

O estudo revela, portanto, que a voz ativa dos pequenos reivindica uma escuta adulta sensível, verdadeira e qualificada para cultivar a curiosidade e valorizar a expressão do pensamento, incluindo a ressignificação do silêncio que se faz presente na roda.

## REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. **Ouvir nas entrelinhas**: o valor da escuta nas práticas de leitura. São

Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BRANDÃO, Ana Carolina P.; BEZERRA, Ana Raquel R.; SILVA, Jane R. P. Rodas de leitura na Educação Infantil: a formação de “leitores pensantes”. **Revista FAEEDBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 30, n. 63, p. 310-326, jul./set. 2021.

BRENIFIER, Oscar. **A questão de Deus**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, p. 5-6; 27-28.

DUTHIE, Ellen; MARTAGÓN, Daniela. **Mundo cruel**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017. Série Filosofia Visual para Crianças.

DUTHIE, Ellen; MORIYÓN, Félix G.; LORO, Rafael R. (Orgs.). **Propuestas actuales en Filosofía para Niños**. Madrid: Anaya, 2018.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa**: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília, DF: Líber Livro, 2008.

KOHAN, Walter O. **Filosofia para crianças**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth S. **Argumentação nas rodas de história**: reflexões sobre a mediação docente na Educação Infantil. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2012.

NASCIMENTO, Bárbara Elyzabeth S. **Educar para o pensar nas rodas de leitura: as interações dialógicas entre crianças e professoras da Educação Infantil**. 317f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

PANIÁGUA, Gema.; PALACIOS, Jesús. **Educação Infantil**: resposta educativa à diversidade. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RYCKEBUSCH, Claudia G.. **A roda de conversa na educação infantil** : uma abordagem crítico-colaborativa na produção de conhecimento. 166f. Tese (Doutorado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2011.

SÁTIRO, Angélica. **Brincar de pensar**: com crianças de 3 e 4 anos. São Paulo: Ática 2012.

SONTAG, Susan. **A vontade radical**: estilos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

---

[i] Na imagem, vê-se um adulto com uma ducha na mão, tentando dar banho numa criança que chora copiosamente. No fundo da imagem, atrás da cortina do banheiro, há outra criança observando a cena, com expressão de medo.

[ii] Na imagem, vê-se um adulto com um dos pés preso numa corrente. Ao lado, há um prato com biscoitos e leite, aparentemente um lanche deixado para esse homem. No fundo da cena, há três crianças subindo uma escada como se estivessem saindo do ambiente onde o homem estava e uma delas segura uma chave.